A leitura como prática intersemiótica: tópicos semantizadores e construção de sentidos

Cristiano Oldoni* Ernani Cesar de Freitas**

Resumo

Os gêneros discursivos, essencialmente mesticos na contemporaneidade digital, têm acompanhado os desafios propostos para as práticas de interação, de comunicação e de apreensão de sentidos: um mundo de intensas multissemioses exige que os sujeitos desenvolvam competências específicas, que permitam verdadeiros encontros por meio de linguagens em associação e da leitura em rede. Por conta de tal panorama, propomos como objetivo deste estudo analisar a forma como engendramentos e associações semióticas articulam-se na construção de sentidos, promovendo a leitura multimodal da cena enunciativa de textos de gêneros digitais, em plataformas virtuais. Com a finalidade de melhor explorar esse processo, selecionamos como corpus uma postagem da rede social Instagram e procedemos com sua análise por meio do mapeamento de seus tópicos semantizadores. Esta pesquisa bibliográfica e documental, de abordagem qualitativa, aponta para a percepção da necessidade de sistematização das práticas de leitura em plataformas digitais, ancoradas em suportes virtuais.

Palavras-chave: Gêneros digitais; Plataformas virtuais; Multimodalidade discursiva; Leitura; Sentido.

Data de submissão: dez. 2020 – Data de aceite: mar. 2021 http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v17i01.10742

^{*} Doutor em Letras (Leitura e Formação do Leitor) pela Universidade de Passo Fundo. Possui Mestrado em Letras (Constituição e Interpretação do Texto e do Discurso) pela mesma Universidade; Especialista em Letras - Leitura, análise, produção e reescritura textual - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI). Possui graduação em Letras - Português/Espanhol e suas respectivas literaturas - pela URI. Sua atuação está vinculada principalmente aos temas leitura, formação do leitor, multimodalidade discursiva e ensino. E-mail: cristianooldoni@gmail.com

Doutor em Letras pela Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (Porto Alegre/Brasil), com pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (São Paulo/Brasil). Professor na Universidade de Passo Fundo (Passo Fundo/Brasil). E-mail: ecesar@upf.br

Introdução

Esta escrita parte de um pressuposto que acreditamos ser pacífico: a leitura transcende a nocões clássicas vinculadas a ela. Vivemos uma alta modernidade em que mesmo os conceitos e as crenças de maior vanguarda são, constantemente, questionados e postos à prova. Se essa premissa é válida para concepções axiologicamente pontuadas como as de política, liberdade, virtualidade, comunicação e tantas outras, parece-nos plausível que estendamos sua eficácia para o entendimento e as apreensões acerca da própria leitura, afinal, ela se dá no bojo das mais íntimas relações do sujeito consigo mesmo, com o outro, com o mundo.

Tais relações consolidam-se, basicamente, com as práticas discursivas e de linguagem contemporâneas, o que têm proposto verdadeiros desafios para apreensão de sua globalidade de sentidos. Os gêneros discursivos, possibilidades do dizer em um mundo em constantes e permanentes transformações e adaptações, no mesmo movimento, permitem-se, cada vez mais, mestiçar, hibridizar, acolhendo, em si, as mais variadas formas de significação. Já não são mais apenas e exclusivamente as palavras que atribuem valor às práticas de interação social: um mundo plural, de intensas multissemioses, exige, a cada instante, que os sujeitos adaptem-se também a esse novo cenário e desenvolvam competências específicas,

multiletradas, que permitam o contato, os encontros com esse mesmo mundo por meio de linguagens em associação e da leitura significativa, o que acontece frequentemente nos meios digitais e virtuais. Assim, nosso objetivo volta-se a analisar a forma como engendramentos e associações semióticas articulam-se na construção de sentidos, promovendo a leitura multimodal da cena enunciativa de textos de gêneros digitais, em plataformas virtuais.

A pesquisa proposta possui abordagem qualitativa e é de natureza aplicada, visando à produção de conhecimentos relacionados à situação de leitura em rede e à construção do sentido em textos multimodais de gêneros digitais a partir de sua vinculação aos conceitos de "cena de enunciação" e "cenografia". Quanto ao objetivo da pesquisa, o tipo enquadra-se como exploratório-descritivo, buscando maior familiaridade com a temática e caracterizando o fenômeno em foco. O procedimento técnico envolve pesquisa bibliográfica e documental.

Para sistematizar nossa escrita, organizamos o artigo em três seções que se complementam. Na primeira delas, discutimos uma concepção para a leitura e seu papel na cibercultura; com forte inspiração em Petit (2008) e Santaella (2003, 2013). Na sequência, colocamos em pauta a discursividade nos ambientes digitais, bem como as construções intersemióticas que dão forma à textualidade

nesses espaços; para isso, encontramos respaldo em Bakhtin (2011), Maingueneau (2008, 2010, 2015), Kress (2000), Lemke (2010) e, novamente, Santaella (2003, 2013). Já na terceira seção colocamos em interface as noções exploradas na análise de *corpus*, uma postagem de rede social; essa análise encontra respaldo metodológico em Maingueneau (2008, 2010, 2015), no mapeamento dos tópicos semantizadores da materialidade discursiva (OLDONI, 2015, 2020, OLDONI; FREITAS, 2015, 2016, 2017, 2018).

A leitura e o ciber: a propósito de encontros, resgates e colaboração participativa

Em essência, a prática do ato de ler precisa ser percebida para além de visões tecnicistas e unicamente pragmáticas. É vital que nossas construções conceituais acompanhem o movimento de uma contemporaneidade altamente complexa e mestiça em sua reconstrução, em que fragmentos de culturas, de subjetividade, de coletividade e de interação conquistam valores inquestionáveis, especialmente quando nos referimos à comunicação intersemiótica no ciberespaço. Nesse âmbito, talvez passemos a acreditar que estamos, efetivamente, diante de uma geração que lê, contrariando algumas certezas - quase reacionárias – que ainda imaginam válida somente uma leitura absolutamente estática e puramente contemplativa.

Se ultrapassadas a técnica e a tecnologia da decifração e a noção da clausura e do isolamento, muitas vezes ainda idealizadas em práticas escolares, por exemplo, torna-se possível construir relações com o mundo e com o outro, ampliar significados e promover novos saberes. A leitura de imersão, crítica e autônoma, adquire, assim, seu fundamental papel de construção do sujeito integrado ao seu meio, e o ciberespaço é o novo cenário de ambientação dessa dinâmica. É graças às plataformas digitais e ao texto conectado em rede que a leitura tem se firmado como grande aliada do entendimento das dinâmicas interpessoais, como mensageiro de novas e múltiplas realidades, como nexo das próprias representações simbólicas de interação social. Petit (2008, p. 19, grifo nosso) pontua que

[...] a juventude continua sendo [...] o período da vida em que a atividade de leitura é mais intensa. E para além das grandes pesquisas estatísticas, ao escutarmos esses jovens falarem, compreendemos que a leitura de livros tem para eles algumas vantagens específicas que a distingue de outras formas de lazer. Compreendemos que por meio da leitura, mesmo esporádica, podem estar mais preparados para resistir aos processos de marginalização. Compreendemos que ela os ajuda a se construir, a imaginar outras possibilidades, a sonhar. A encontrar um sentido. A encontrar mobilidade no tabuleiro social. A encontrar a distância que dá sentido ao humor. E a pensar, nesses tempos em que o pensamento se faz raro.

Decifração, sistematização e reprodução mecânica da tecnologia do ler e do escrever configuram-se, então, como ações que não centralizam em si o processo discursivo: podem, sim, ser considerados instrumentos preliminares da prática discursiva, mas essa dinâmica envolve diversos outros procedimentos que pressupõem habilidades específicas de interação, sociabilidade, apreensão de recursos intersemióticos e presença ubíqua em espaços virtuais.

Especificamente a respeito disso, torna-se pertinente a reafirmação da inflexível liberdade do leitor, agente por natureza, que ao ler, clicar, seguir links, curtir, comentar, e compartilhar — ou "redistribuir", como prefeririam Rojo e Barbosa (2015) —, reescreve o escrito e reposiciona peças da construção de uma realidade firmada na cibercultura. O encontro com o mundo por meio da leitura é, com toda ênfase, possibilidade da interação que promove a autoconstrução no resgate de sentidos construídos colaborativamente.

Nessa perspectiva, Petit (2008, p. 32) insiste que "é sempre na intersubjetividade que os seres humanos se constituem, e suas trajetórias podem mudar de rumo depois de algum encontro" com a leitura. Aceitando esse pressuposto, direcionamo-nos, consequentemente, às linguagens do ciberespaço e ao contato com a cibercultura, meio em que os variados materiais de leitura oferecem suportes,

bases para que possamos manusear os conteúdos da vida diária, aceitando-os, questionando-os e, agora, graças ao direito à fala outorgado a todos pela conexão instantânea, contestando-os. A leitura e a interação no ciberespaço são, assim, privilegiados instrumentos capazes de permitir e potencializar o acesso às variadas formas de sociabilidade, possibilitando, inclusive, a construção da cidadania e a participação ativa em diferentes dimensões sociais — veja-se, por exemplo, o poder de influência de redes sociais para manifestações de cunho sociopolítico, na contemporaneidade.

E se a leitura veste-se de nova roupagem e constrói novo perfil, por conta de sua parcela de contribuição para a cibercultura, o leitor contemporâneo acompanha a mesma dinâmica e se reinventa. O envolvimento dos sujeitos com a leitura, em um trajeto histórico, não trata apenas da migração — ou da adaptação — do analógico para o digital e para o virtual. Assim,

[...] no decorrer do século XX, o leitor (que com frequência é uma leitora) levantou-se discretamente, deixou a sala de convívio e retirou-se em seu quarto. A leitura — que era, de início, uma atividade que se prescrevia para enredar as pessoas na malha das palavras — converteu-se em um gesto de afirmação de singularidade. Tornou-se um atalho, cada vez mais utilizado, para escapar do tempo e do lugar em que supostamente se deveria estar; escapar desse lugar predeterminado, dessa vida estática e do controle mútuo que uns exercem sobre os outros. (PETIT, 2008, p. 28).

Acompanhando a reflexão proposta por Petit (2008), percebemos muito clara a forma como as dinâmicas sociais e culturais influenciam diretamente os posicionamentos do sujeito que, em certo momento de sua construção, viu-se impulsionado a voltar-se para si mesmo, ou com a intenção de escape, ou com o propósito de afirmação de sua singularidade. Em perspectiva semelhante, ao acompanhar, histórica e criticamente, a forma como os sujeitos têm se envolvido com a leitura, Santaella (2013) mapeia três categorias de leitor cujas características convergem para um perfil de leitor na contemporaneidade. Os tipos de leitor propostos pela semioticista são o contemplativo, o movente e o imersivo que, na era da cibercultura, convergem para o surgimento do leitor ubíquo. Buscamos na própria escrita de Santaella (2013, p. 267-8) uma breve caracterização desses leitores:

[...] o leitor contemplativo é o leitor meditativo da idade pré-industrial, da era do livro impresso e da imagem expositiva, fixa. Esse leitor nasceu no Renascimento e perdurou até meados do século XIX. O segundo tipo de leitor é filho da Revolução Industrial e do aparecimento dos grandes centros urbanos [...]. É, portanto, o leitor do mundo em movimento, dinâmico, das misturas de sinais e linguagens de que as metrópoles são feitas. Esse eleitor nasceu também com a explosão do jornal e com universo reprodutivo da fotografia do cinema e manteve suas características básicas quando se deu o advento da revolução eletrônica, era do apogeu da televisão. O terceiro leitor é aquele que brotou dos novos espaços das redes computadorizadas de informação e comunicação.

Entretanto, se até o final da última década essas categorias de leitores pareciam dar conta da realidade das práticas leitoras, a democratização da web com foco no usuário, a popularização das redes sociais e os compartilhamentos em nuvem têm sugerido o aparecimento de uma nova classe de leitor, o ubíquo¹, que somente pode ser conhecido em seu "habitat", os ambientes de conexão construídos pelo próprio leitor por meio das práticas de colaboração e compartilhamento, pelo viés da construção coletiva do conhecimento, possibilidades viabilizadas no hiperespaço das mensagens multimídia. A fim de conhecer melhor o leitor ubíquo, é necessário identificar e caracterizar os novos ambientes de conexão, construídos por esse mesmo leitor.

O leitor expandiu historicamente – por conveniência e necessidade – seu leque de possibilidades, passando pelos espaços urbanos de comunicação e pelas imagens em movimento, até que se chegasse à leitura na tela. É uma verdadeira multiplicidade de leitores – com perfis adequados e adaptados às mais variadas necessidades do sujeito – à qual

[...] veio se somar o leitor das imagens evanescentes da computação gráfica e o leitor do texto escrito, que, do papel, saltou para superfície das telas do computador. Na mesma linha de continuidade, mas em nível de complexidade ainda maior, esse leitor das telas eletrônicas está transitando pelas infovias das redes, constituindo-se em um novo leitor que navega nas arquiteturas líquidas e alineares da hipermídia no ciberespaço,

espaço este constituído do conjunto de redes de computadores interligados por todo planeta. São essas redes que dão amplo acesso à informação e permitem o encontro dos internautas, criando novas formas de socialização, compartilhamento e participação. (SANTAELLA, 2013, p. 266).

As características do leitor que surge nessa época de interconexão ininterrupta voltam-se, então, não somente às construções subjetivas, de individualidade e sociabilidade, que apontávamos anteriormente. Existe, nessa concepção de um novo sujeito, a implicação de elementos absolutamente tangíveis e observáveis. Esses elementos têm relação direta com as possibilidades de imaginação, criação e contribuição para o desenvolvimento da cultura em que se está inserido, cada vez mais global e interconectada no resgate de fragmentos. Ora, se as novas tecnologias oferecem estímulo e bases para paulatinas mudanças na cultura, as concepções e delineamentos a respeito da leitura acompanham esse movimento.

Se emprestarmos, uma vez mais, às reflexões aqui desenvolvidas as contribuições de Santaella (2003, p. 34), perceberemos que, em âmbito panorâmico, "[...] a cultura pode ser pensada como um agente causal que afeta o processo evolutivo através dos meios exclusivamente humanos [...]".

Representando os elementos ambientais que são resultados da ação humana, a cultura está em íntima relação com as práticas sociais que se desenvolvem entre sujeitos em comunidade. Além dessas práticas de interação e modificação, normas, costumes e valores dos variados grupos entram em jogo nessa construção - além de noções como as de culturas plurais e subculturas -, e um olhar mais atento permite o entendimento da convergência das mais variadas concepções de cultura para a cultura das telas, digital, virtual, ciber. Isso coloca em evidência quaisquer fatores implicados pelas práticas humanas, inclusive a comunicação e as dinâmicas de renovação e uso das múltiplas linguagens e da hipermídia - especialmente em intersemioses, em associações e engendramentos de planos de sentido, em ambientes tecnológicos.

Podemos considerar que foi a presença e a popularização do computador – e mais recentemente o microprocessador móvel - que possibilitou e impulsionou a cibercultura, por meio da convergência das mídias e, mais tarde, por meio da conexão em rede. De acordo com Santaella (2003, p. 105), "[...] a tecnologia computacional está fazendo a mediação das nossas relações sociais, de nossa autoidentidade e do nosso sentido mais amplo de vida social" e, dessa forma, a possibilidade mais plausível de conceber o sujeito leitor da alta modernidade é com intenso sentimento de pertencimento a comunidades variadas, às quais adere e reconhece como suas ou manifesta resistência e reação.

A leitura e a participação no mundo acontecem, a partir de então, por meio das telas, a partir de um amplo engajamento e de uma já inquestionável conexão: esse homem, esse sujeito, agora no hibridismo do humano e do tecnológico e por meio das intersemioses, estabelece novos patamares de interação, troca, participação, colaboração e compartilhamento; tais possibilidades do dizer consolidam-se no âmbito da discursividade e a partir dos gêneros do discurso, tópicos aos quais voltamos nossa atenção na sequência.

Discurso, intersemioses e resgate de sentidos

Considerando a noção de gênero para relacioná-la tanto a textos quanto ao próprio discurso, remetemo-nos à ideia de que

[...] todos os diversos campos da atividade humana estão ligados ao uso da linguagem. Compreende-se perfeitamente que o caráter e as formas desse uso sejam tão multiformes quanto os campos da atividade humana [...] (BAKHTIN, 2011, p. 261).

Assim, também multiformes são as representações discursivas cotidianas e a abrangência das abordagens didáticas dos gêneros que representam tais atividades deveriam acompanhar esse movimento. O aspecto inicial a ser considerado por qualquer estudo iluminado pelos gêneros do discurso é, então, o campo

da atividade humana a que se vinculam os enunciados. É das variadas esferas de interação e atividade humanas que surgem os enunciados, sempre únicos enquanto possibilidades de utilização da língua. Bakhtin (2011, p. 261) auxilia na construção desse conceito:

Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional.

Os reflexos das atividades humanas por meio de gêneros discursivos verificam-se, então, em seu conteúdo, estilo da linguagem e construção composicional, construindo solidamente os enunciados desses gêneros. Esses elementos são determinados pela especificidade de cada campo do agir, cada esfera da comunicação. É nesse âmbito que a língua integra a vida por meio dos enunciados e também a vida entra na língua por meio deles. Temos, assim, uma concepção sócio-histórica para a língua, enquanto fenômeno de comunicação e interação de indivíduos-sujeitos. Dessa forma, mudanças e alterações históricas na forma de comunicar têm relação direta com as mudanças dos gêneros discursivos. Vejam-se os eventos de leitura – como prática de encontro, interação e sociabilidade – que se dão em plataformas digitais, como aplicativos de notícias utilizados em smartphones ou tablets:

toda a dinâmica de comunicação estabelecida nessa situação, considerando o terreno jornalístico como esfera de atividade humana, representa inéditas ações de produção e contato com gêneros discursivos, adaptados às exigências da contemporaneidade. Embora sua plasticidade seja incomensurável — o que permite, inclusive, a adaptação a qualquer momento histórico ou prática de interação — os elementos fundantes dos enunciados seguem com caráter bastante definido. Conteúdo (temático), construção composicional e estilo são os fatores que atribuem concretude aos ditos.

A partir dessa concepção do homem envolvido pela língua, podemos considerar que está em foco o texto em produção e, consigo, o homem que ele suporta. Todo dito, todo discurso, carrega consigo uma concepção impregnada do humano: o homem diz-se ao dizer. Essa concepção pressupõe o princípio dialógico, tão caro a Bakhtin e ao conjunto de sua obra. Grosso modo, o dialogismo tem sido abordado a partir de duas perspectivas: a) o diálogo entre os envolvidos no processo enunciativo – os interlocutores, e b) o diálogo entre os discursos em si, em que cada atualização da língua em emprego recorre - ainda que de forma sutil, silenciosa – a empregos e usos anteriores em discursos já produzidos. Essa parece ser uma ideia já cristalizada, talvez equivocadamente, quando tratamos do dialogismo.

Ao tratarmos da realização da linguagem, observamos, então, que a manifestação linguística acontece por meio de gêneros e a concretização dessas manifestações para interação social, em seus mais variados campos e âmbitos, efetua-se por meio de textos. Dessa forma, damos ao tópico em discussão um caráter mais corpóreo e tangível. Tal qual o discurso, tomado em seu sentido mais amplo, os textos somente podem se realizar na forma de gêneros, que são determinados por condições e circunstâncias sociais, culturais e históricas. Podemos, a partir disso, discutir a noção de gêneros textuais e sua vinculação com as práticas discursivas cotidianas.

Dentre as convicções possíveis, até então, somos conduzidos pela de que a comunicação, em âmbito discursivo - de interação sócio-histórica de sujeitos somente acontece por meio de gêneros, que, por sua vez, somente se concretizam por meio de textos. Desse modo. encontramos a verdadeira relevância do estudo dos gêneros, especialmente pela própria necessidade cotidiana de comunicar, já que conhecer e manusear uma gama variada de gêneros é um pressuposto que gera determinada economia linguística: por meio da interação, sabemos qual gênero está sendo utilizado e como dever acontecer essa utilização. Logo, considerando sua finalidade, seus usos e funções, os gêneros permitem-se

observar enquanto eventos não apenas linguísticos, mas sobretudo discursivos.

É interessante, além do mais, considerarmos que a natureza discursiva dos mais variados esquemas semióticos é o canal viabilizador de sua harmonização, de sua mestiçagem, de sua hibridização. Somente no âmbito da discursivização, planos de sentidos, diversos encontram possibilidade de engendramento na projeção enunciativa, em que múltiplos dizeres permitem-se, em caráter axiológico, atualizar língua, imagens e sons, por exemplo, e dessa forma atualizar o mundo diante do outro.

A aceitação dessa proposição pressupõe aceitarmos que é por meio da hibridização de gêneros - e para além do monopólio da língua como sistema que o discurso, contemporaneamente, converte-se em concretude enunciativa, em texto. É cada vez mais perceptível, se considerarmos as práticas discursivas na cibercultura, que a fragmentação cultural homogeneizada que é movimentada pelos discursos representa as múltiplas possibilidades de dizer, e isso somente ganha corpo por meio das intersemioses, absolutamente influenciadas pelo que é dizível em determinados espaço e momento históricos.

A respeito desses elementos condicionantes e balizadores do que é possível discursivizar, Maingueneau (2008c, p. 138) acentua que [...] o pertencimento a uma mesma prática discursiva de objetos derivados de domínios semióticos diferentes exprime-se em termos de conformidade a um mesmo sistema de restrições semânticas.

É a partir dessas restrições que pensamos possíveis e absolutamente pertinentes a noção de tópicos semantizadores, proposta por nós em trabalhos anteriores (OLDONI, 2015, OLDONI; FREITAS, 2015, 2016, 2017, 2018), em que as interseções entre semioses tornam possível a sistematização da multimodalidade discursiva: é necessário que se busquem os pontos de encontro e harmonização entre os sistemas de naturezas variadas, não para que se somem ou multipliquem suas partes de sentido, mas para que, a partir da aproximação possibilitada pelas restrições semânticas de cada eixo semiótico, se perceba a harmonização e o engendramento que fazem com que o sentido seja projetado e, a partir de uma leitura autônoma e crítica, o leitor possa, efetivamente, construir tais sentidos.

Os textos multimodais de gêneros digitais oferecem o atrativo das semioses variadas projetadas de modo simultâneo, uma das faces da multiplicidade. Preliminarmente, vale salientar que, se por meio de textos, imagens e sons, simbolicamente é possível castigar, condenar, punir, é também possível proteger, resguardar, asilar: como prefere Kress (2000), ações sociais são fenômenos

multimodais. Mais fortemente ainda acontece a influência desses sistemas nos processos de interação por meio da comunicação quando estiverem integrados: palavras, imagens e sons associados na projeção de sentidos operam conjunta e simultaneamente com a finalidade de discursivizar.

Em textos de natureza multimodal, palavra, imagem (estáticas e em movimento) e som completam-se com suas funções semânticas próprias, justamente porque a harmonização dessas linguagens inscreve "possibilidades de significação [que] não são meramente aditivas" (LEMKE, 2010, p. 462), mas que, em engendramento, produzem e projetam significados mais profundos e complexos, que, muito possivelmente, apenas uma dessas linguagens não daria conta de produzir. Além disso, não há supremacia de uma das semioses na organização significativa, "mas sim a harmonia (ou não) visual estabelecida entre ambos" (DIONÍSIO, 2011, p. 160 -161), manifestando certo equilíbrio responsável por criar e promover efeitos de sentido mais completos, refinados e enriquecidos.

Kress (2000, p. 184, tradução nossa) ressalta que toda atividade discursiva possui traços multissemióticos, especialmente se considerarmos que "[...] nenhum texto pode existir em um único modo, de maneira que todos os textos são sempre multimodais, embora uma modalidade entre elas possa dominar",

dependendo das características sociocomunicativas elementares do próprio gênero. Vale, aqui, relembrar a influência decisiva que a vinculação do gênero a determinada esfera de atividade exerce em sua construção composicional.

Ainda discutindo a integração de variados planos semióticos no processo de projeção de sentidos, Kress (2000, 181, tradução nossa) enfatiza que "[...] a questão da multimodalidade lembra-nos com forca que a semiose humana repousa, em primeiro lugar, sobre os fatos da biologia e da fisiologia", especialmente porque para interação com o mundo e com incomensuráveis sentidos nele e por ele projetados, investimos todos os nossos meios fisiológicos de percepção, como visão, audição, olfato, paladar e tato, e todos eles dão de si parcela indispensável para o resgate de sentidos veiculados em construções semânticas específicas e altamente diferenciadas.

É assim que a experiência singular e íntima da leitura crítica e autônoma converte-se em princípio estrutural da prática do multiletramento. E para o concreto desenvolvimento de competências linguístico-discursivas, é indispensável que o referido hibridismo seja percebido como a combinação das significâncias empregadas de forma sincrônica. É justamente uma nova postura dos sujeitos frente às relações interpessoais, à cultura e às intersemioses que não apenas permitiu, mas exigiu que a linguagem

utilizada para navegação, leitura, produção e interação por meio da rede planetária de computadores – hipermídia e transmídia – adquirisse *status* pleno de linguagem. Assim, Santaella (2013, p. 231) considera que

A hipermídia [...] é entendida como a junção do hipertexto com a multimídia, ou seja, é justamente a linguagem com a qual lidamos quando navegamos pelas informações nas redes. A transmídia refere-se à passagem de conteúdos sígnicos de uma mídia para outras, compondo uma unidade complexa.

Nesse prisma, a respeito da multimodalização que concretiza o discurso por meio da hipermídia, torna-se necessário que sejam impressas escolhas para o foco científico de análise, a fim de garantir que o delineamento desejado não resida apenas no conhecimento empírico. Assim, nossa proposta é que se considere, para o mapeamento da situação em que se dá a leitura ambientada na rede, sua cena enunciativa, explorada a partir da Análise do Discurso proposta por Dominique Maingueneau, cujos estudos refletem uma tentativa de especificar o funcionamento discursivo, a partir do conjunto de sua significância.

Interessados principalmente pelo plano do texto, percebemos, com Maingueneau (2010, p. 205) que analisar uma

[...] situação de discurso como cena de enunciação é considerá-la "do interior", através da situação que a fala pretende definir [...]. Um texto é, na verdade rastro de um discurso no qual a fala é encenada.

A cena de enunciação permite uma abordagem do fazer discursivo a partir de uma perspectiva interna, o que não significa uma desvinculação dos panoramas mais amplos de percepção da comunicação e de sua situação de enunciação. Tanto quanto o espaço delineado, balizador da prática discursiva, é a cena de enunciação a movimentação de ditos que, inclusive, avaliza a própria construção do referido espaço.

Essa configuração interna do discurso envolve três planos complementares, de acordo com Maingueneau (2008a, 2010, 2015): cena englobante, cena genérica e cenografia. A cena englobante está relacionada com o tipo, com a natureza geral do discurso, resultante de determinado segmento de uma esfera de atividade e comunicação humana específica, ao qual os gêneros do discurso permitem-se vincular. O homem, envolvido pelos usos da língua, procura identificar, de forma quase natural, a que domínio discurso voltam-se os gêneros com que tem contato, a todo tempo. Enquanto integrante de um domínio discursivo, a cena englobante possui constituição e regulamento voltados à prática discursiva de forma global.

A cena genérica é determinante dos gêneros do discurso específicos que funcionam a partir de sistemas de normas e possibilitadora da interação entre os coenunciadores na cena englobante: em outras palavras, é a associação do discurso a um gênero ou subgênero específico que possibilita a materialização discursiva. Já a cenografia, intradiscursiva, construída a partir do próprio texto, legitima a cena de enunciação ao se desenvolver. É elaborada pelo texto do discurso em si, paulatinamente, enquanto ele se constrói. Dessa maneira, não é imposta pelo gênero, embora a ele se vincule para avalizar a enunciação.

Devemos considerar, na (re)construção exploratória e analítica da cenografia (especialmente dos textos de gêneros digitais), os indícios variados nos quais ela se apoia para desenvolver-se. De acordo com Maingueneau (2008a, p. 77),

[...] em uma cenografia, como em qualquer situação de comunicação, a figura do enunciador, o fiador, e a figura correlativa do coenunciador são associadas a uma cronografia (um momento) e a uma topografia (um lugar) das quais supostamente o discurso surge.

Esse surgimento do discurso se dá por meio de seu engendramento paradoxal com a própria cenografia: o discurso vem da cenografia que, por sua vez, só se constrói a partir dele. Maingueneau (2008b, p. 70) ainda destaca que

A cenografia é a cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que, por sua vez, deve validar através de sua própria enunciação: qualquer discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente. A cenografia não é, pois, um quadro, um ambiente, como se o discurso ocorresse em um espaço já construído e independente do discurso, mas aquilo que a enunciação instaura progressivamente como seu próprio dispositivo de fala.

Em caráter de retomada: pode-se observar que a situação de enunciação de um discurso permite o surgimento de uma situação de comunicação que, por sua vez, possibilita a construção de uma cena de enunciação, no interior da qual se desenvolve certa cenografia, intimamente relacionada a um ethos. Sobre essa noção, Maingueneau (2008b, p. 59) considera que "[...] a eficácia do ethos tem a ver com o fato de que ele envolve de alguma forma a enunciação, sem ser explicitado no enunciado [...]" e, diferenciando categoricamente o locutor do ser do mundo que toma a palavra, enfatiza que o ethos deve ser percebido e não constituir em si um objeto do discurso, ou seja, não deve ser dito: são traços intradiscursivos associados a uma forma de dizer, na busca de construção de certa identidade.

Fazer referência ao ethos discursivo (mostrado) nesse estudo é indispensável, pois a partir do desenvolvimento da cenografia ele se consolida. Maingueneau (2008b) salienta que o ethos, imagem do enunciador refletida no discurso, possibilita uma análise ampla da adesão dos sujeitos a determinadas posições discursivas. O jogo discursivo e a encenação enunciativa não tratam de simples decodificações dos sistemas linguísticos: algo da natureza da sensibilidade entre em cena nos processos comunicativos: "[...] desde que haja enunciação, alguma coisa da ordem do ethos se encontra libe-

rada" (MAINGUENEAU, 2008b, p. 73). É assim que ideias – enunciados, ou a própria enunciação – suscitam a adesão do coenunciador por meio de certa maneira de dizer, por determinada maneira de ser. Em síntese,

[...] o texto não é para ser contemplado, ele é enunciação voltada para um coenunciador que é necessário mobilizar para fazê-lo aderir "fisicamente" a um certo universo de sentido. O poder de persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados. (MAINGUENEAU, 2008a, p. 73)

Não é diferente o que ocorre com o leitor do texto multimodal que, em essência, precisa reconhecer nessa materialidade verbo-visual-sonora uma imagem de fonte enunciativa para efetivamente atribuir sentido à leitura, vinculando esses saberes a valores balizados por indicadores históricos e sociais pontuais.

De fato, apreender esse mecanismo interno de funcionamento do discurso e vinculá-lo aos textos multimodais enquanto materialidade linguística converte-se em real possibilidade de alcançar a totalidade de sentido do discurso, representando uma produtiva captação das essências comunicativa, linguística e intersemiótica. Perceber a configuração intradiscursiva desses textos significa compreender, ainda que em parte, os processos de mobilização e de utilização das associações intersemióticas, que abandonam seus planos individuais de significação para,

em harmonia e engendramento, multiplicarem-se em sentidos e em uso concreto. Ao tratarmos dessa realidade, estamos convictos de que teorias voltadas à leitura e ao discurso em si complementam-se na busca do entendimento e da sistematização das linguagens verbal, imagética e sonora, instâncias que promovem a compreensão do próprio homem, a partir de suas manifestações discursivas concretas, como, por exemplo, os textos multimodais de gêneros digitais.

Os tópicos semantizadores aplicados à leitura da cena de enunciação do texto Postagem de Rede Social

O procedimento metodológico que empregamos envolve a mobilização de noções e conceitos que exploramos anteriormente, na representação do que temos considerado os tópicos semantizadores da leitura em rede. Essa dinâmica pressupõe a vinculação de elementos preliminares de atribuição de sentido à leitura em rede na contemporaneidade (PETIT, 2008; SANTAELLA, 2003, 2013), à cena de enunciação do evento discursivo (MAINGUENEAU, 2008a, 2010, 2015); dessa interface, é possível a apreensão dos elementos basilares do gênero do discurso (BAKHTIN, 2011) e, por fim, o mapeamento dos tópicos semantizadores aplicados à leitura da multimodalidade discursiva.

A partir de nossos trabalhos anteriores (2015, 2016, 2018, 2020), a noção de tópicos semantizadores demonstrou-se suficientemente produtiva, quando se trata de uma análise global que visa ao resgate de sentidos projetados pelos textos de natureza intersemiótica. Como efetivadores da leitura em cenário digital, os tópicos semantizadores funcionam como elementos concretos de realização da própria leitura. Uma vez que os consideramos pontos nodais suscitados no ato e na efetivação da leitura e como construtores do sentido geral do texto, são pistas para apreensão do processo de ler em si e indicações dos sentidos da globalidade discursiva de textos representativos dos discursos mobilizados em rede.

Já a escolha por apresentarmos como corpus uma postagem de rede social justifica-se por entendermos que a comunicação construída participativamente vem-se consolidando nessas plataformas: as redes sociais são expoentes das construções subjetivas virtuais no ciberespaço (SANTAELLA, 2003, 2013). Nossa opção pelo *Instagram* deu-se por, além de representar fortemente a linguagem hipermidiática, consolidar-se nos últimos anos como a principal rede social *online* de publicação de fotografias e vídeos, ultrapassando um bilhão de usuários. A rede social, além de poder ser acessada por navegadores da web, tornou-se popular, assim como outras

redes, pela facilidade de conexão por meio de aplicativo próprio.

No *Instagram*, que é gratuito, os usuários podem aplicar alguns populares efeitos às suas fotos e vídeos e compartilhar com seus contatos. "Curtir" e "comentar" são ações bastante comuns entre os usuários, além do compartilhamento — ou redistribuição — em outras redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter*: as mesmas postagens feitas na rede são replicadas nas demais, conectadas com a mesma conta de usuário.

Com relação à noção de hashtags, no direcionamento de nossa análise, é relevante observarmos sua função e a dinâmica de seu funcionamento. Muitas das postagens das redes mencionadas, em especial as do *Instagram*, vêm acompanhadas por essas ferramentas, que operam como palavras--chave ou termos associados a informações, assuntos, imagens e vídeos determinados, facilitando sua localização e o acesso a eles. Essas tags, ou etiquetas, quando, nas redes, precedidas pelo símbolo cerquilha (#), transformam-se em hashtags, criando, assim, determinados agrupamentos ou reuniões de conteúdos por afinidade ou familiaridade semântica. São verdadeiros links que conduzem o usuário a outras postagens com a mesma marcação. Em um universo em que, em média, cem milhões de fotos são carregadas na rede *Instagram* todos os dias (INSTAGRAM EMPRESAS, 2020), as hashtags são, de fato, bastante úteis na seleção daquilo que se procura, daquilo que se vê e se curte.

Realizado esse balizamento prévio, dedicamo-nos, a partir deste ponto, a descrever e analisar – à luz dos princípios que elencamos anteriormente – o que se pode considerar uma sessão de leitura da multimodalidade discursiva de textos intersemióticos do Instagram, pontuando seus tópicos semantizadores. A Figura 1, apresentada na sequência, representa a tela de entrada de acesso ao *Instagram*, por meio de seu aplicativo para *smartphone*.

Figura 1 – Captura da tela de acesso ao *Insta*gram, via aplicativo de *smartphone*

Instagram

Telefone, nome de usuário ou email Senha Esqueceu a senha? Entrar Continuar como Cris Oldoni OU Não tem uma conta? Cadastre-se.

Fonte: Instagram (2020a)

aquilo que consideramos uma sessão de leitura multimodal em plataformas digitais da internet, parece-nos inviável deixar de considerar um caminho prévio que conduz o leitor até a tela de acesso ao aplicativo Instagram, representada na Figura 1. Importa-nos também a forma como o leitor contemporâneo chega a esse estágio da leitura e os recursos que precisa mobilizar para tanto. Inicialmente, vale pontuarmos que a noção e a habilidade de /Busca/2 estão presentes desde o momento em que um sujeito se interessa pela rede social e decide baixar o aplicativo em seu *smartphone*³. Estamos fazendo referência ao fato de o usuário precisar acessar a loja de aplicativos do programa operacional de seu telefone (PlayStore ou AppStore, basicamente) e realizar a procura pelo aplicativo. Esse primeiro passo para ser um usuário-sujeito-leitor do *Instagram* já demanda a capacidade de interação com a web em si: é necessário conectar o *smartphone* à rede, conhecer o programa operacional do aparelho, entender a construção multimodal de suas interfaces, compreender a forma eficaz de clicar teclas ou tela, saber quais atalhos e ícones darão acesso ao aplicativo que, por sua vez, dará acesso à rede social etc. Perceba-se que somente nesse primeiro estágio já se exige que o usuário disponha de muitas habilidades desenvolvidas para integrar a comunidade virtual. Obviamente, a /

Posto que nos interessa pontuar

Amigabilidade das interfaces/, a /Capacidade intuitiva/ e de /Autoaprendizagem/ tornam o processo exequível, mas isso está longe de significar que as habilidades básicas de acesso sejam desnecessárias, mesmo que, muitas vezes, nem sejam consideradas analiticamente no processo de leitura.

Ainda há que se ponderar que a procura, a /Busca/ pelo aplicativo em si, parte do /Interesse do usuário/ e, ainda, em não raros casos, essa procura a que estamos aludindo não acontece da forma como descrevemos: tendo em conta que muitas postagens são redistribuídas para outras redes, como Facebook e Twitter, o usuário que, de forma indireta, tiver contato com uma postagem originalmente feita no Instagram e se interessar por ela, visualizando, "abrindo-a", clicando sobre ela, será convidado pelo sistema automatizado a baixar o app e direcionado automaticamente à sua loja de aplicativos.

É somente depois de encontrado na rede e baixado no aparelho o *Instagram* que se terá acesso à tela representada na Figura 1. A partir disso, as habilidades exigidas do potencial leitor são intensificadas. Vejam-se, ainda na tela apresentada anteriormente, duas opções interessantes de entrada na comunidade: ou por meio da conexão com o *Facebook* (representado pelo ícone desse aplicativo), caso o usuário já esteja cadastrado em tal rede, por meio da opção "Continuar como [...]", ou criando uma

nova conta, em "Não tem uma conta? Cadastre-se.". Nessa tela, ao sujeito interessado em ingressar é solicitada a habilidade de perceber que todas as caixas, campos e textos apresentados na cor azul representam *links* e caminhos de entrada. Mais uma vez a /Capacidade intuitiva/ e a possibilidade de /Autoaprendizagem/ fazem-se presentes. Chama a atenção, em uma perspectiva analítica, a opção de realizar a entrada utilizando uma já existente conta de outra rede⁴. o Facebook, intensificando uma ampla noção de /Conexão/ e /Praticidade/, o que torna a /Interação ágil com informações/ e a /Concisão de informações/ tópicos indispensáveis à construção da relação entre sujeito e plataforma.

Efetuada a entrada no aplicativo⁵, inserindo, por exemplo, uma conta de e-mail, é solicitado ao usuário o registro de sua data de nascimento real e um clique mais para concluir o cadastro. Nesse estágio, além de registrar as funcionalidades de configuração do aplicativo, fica claro o grande esforco em conectar o novo usuário aos seus contatos de outras redes sociais ou aos contatos salvos na memória do smartphone, com a clara intenção de que se crie, a partir disso, a rede de amigos/contatos do usuário. Os textos verbais que surgem nas telas seguintes enfatizam: "Encontrar amigos do *Facebook* – Você escolhe quais amigos quer seguir. Nós nunca publicamos no Facebook sem a sua permissão" e "Encontrar contatos - Veja quais dos seus ami-

gos já estão no *Instagram* e escolha quem você quer seguir". Mesmo que o usuário opte por não realizar essa sincronização, o aplicativo apresenta, a cada passo, uma janela com mensagem lembrando como é mais agradável e divertido se, na rede, se tiver contatos e amigos sincronizados. Fica evidente o empenho de conectar o sujeito e tornar sua experiência mais significativa, marcando, de maneira definitiva, sua / Presença no ciberespaço/. Entretanto, as ações de /Filtragem/ e /Seleção/ dão ao novo membro da comunidade – e isso funciona a qualquer tempo – o direito de decidir quem seguir e por quem ser seguido, manifestando ampla /Autonomia/ na construção daquilo que poderíamos chamar de uma rede particular de conexões.

A tão cara construção da subjetividade salientada por Petit (2008) acontece, sim, no encontro com o livro, na prática do ato de ler, mas isso não exclui, na alta modernidade, as novas configurações de leitura-encontro, em que, como temos fortemente afirmado, ler significa também encontrar espaço e construir-se na própria web. É urgente que se passe a conceber que a leitura veste-se, hoje, de múltiplas formas e, como preconiza Pennac (1993, p. 154), pertence ao leitor "o direito de ler qualquer coisa".

Essa leitura da multimodalidade discursiva em favor da /Conexão/ e da /Integração/ com realidades múltiplas por meio da rede amplia aquilo que se podia, em outras épocas, definir como lei-

tor. Nossa reinterpretação das reflexões de Pennac (1993) e Petit (2008) aponta para possibilidades de uma reconstrução contínua, não somente de suportes e conteúdos de leitura, mas do ato de ler em si e do próprio perfil de leitor. Se, em outras épocas, bastava-se em construção individual, subjetiva e participativa um leitor contemplativo, contemporaneamente, somos, sem dúvida, resultado de todos os leitores de outros tempos, permanentes, onipresentes, vários em nós mesmos, enfim, ubíquos (SANTAELLA, 2013).

Nessa perspectiva, a /Atenção contínua/ e a /Vigília constante/ do leitor também são elementos que merecem atenção: estar conectado a uma rede social implica o acompanhamento permanente das movimentações realizadas pelos contatos e, assim, cumprem importante papel as notificações que podem ser (e geralmente são) ativadas pelos usuários, o que os mantém instantaneamente informados a respeito de cada nova publicação de seu interesse. E podemos considerar que no Instagram elas são de volume bastante considerável: são publicadas, em média, 100 milhões de fotos todos os dias (o total da rede já ultrapassa 50 bilhões), o que leva 500 milhões de pessoas a conectarem-se com periodicidade diária e manterem-se conectadas por aproximadamente 55 minutos, de acordo com o próprio Instagram Empresas (2020). É inegável que a /Atenção contínua/ está voltada – também – a essa rede social.

Essa grande adesão e esse íntimo vínculo entre sujeito e comunidade virtual garantem as 4,5 bilhões de curtidas em fotos e vídeos todos os dias (INSTAGRAM EMPRESAS, 2020), em uma /Interação ágil com as informações/: essas curtidas, comentários, mensagens diretas e visualização de stories⁶ demonstram que o leitor, no Instagram, dá de si importante parcela de colaboração para o /Acompanhamento do fluxo ininterrupto de continuidade/ promovido pela web. Tal cenário leva-nos a compreender que no ambiente das redes sociais

[...] conversamos e discutimos, engajamo-nos em intercursos intelectuais, realizamos ações comerciais, trocamos conhecimento, compartilhamos emoções, fazemos planos, trazemos ideias, fofocamos, brigamos, apaixonamo--nos, encontramos amigos e os perdemos, jogamos jogos simples e metajogos, flertamos, criamos arte e desfiamos um monte de conversa fiada. Fazemos tudo o que fazem as pessoas quando se encontram, mas com palavras e na tela do computador, deixando nosso corpo para trás. Milhões de nós já construímos comunidades nas quais nossas identidades se misturam e interagem eletronicamente, independentemente do tempo e do local. (SANTAELLA, 2007, p. 414).

E, para melhor sistematização desse panorama, podemos vincular as ocorrências discursivas realizadas na /Megacomunidade/ *Instagram* à esfera da /Comunicação digital em rede/: esse é o ponto de partida de nossa análise pontual. Nesse ramo da atividade humana é que encontramos /Diretrizes mais amplas do fazer discursivo/, que dão o viés da produção

dos textos multimodais veiculados na plataforma, e isso representa fortemente algumas das /Necessidades comunicativas e interacionais da alta modernidade/. Por sua vez, a /Adesão à linguagem hipermídia/, consolidando marcante mestiçagem de semioses, abrange ampla pluralidade de contextos, em especial por retratar, nos textos multimodais do próprio *app* uma grande /Variedade/ de sentimentos, emoções, vivências e culturas a que se ligam os sujeitos.

Nessa esfera, clara também é a associação que se pode propor entre textos e sujeitos, no que tange ao dialogismo (BAKHTIN, 2011), não somente em um sentido mais abrangente de tornar público, mobilizando o ato de dizer, por meio de postagens, e interagir com o outro, com a plataforma e com o mundo, mas propondo um diálogo, uma /Conexão entre os textos/ de forma sutil, mas concreta: trata-se das postagens em si. Torna-se evidente que, em tal esfera, a comunicação dá força e estimulada as Intersemioses e as /Relações ubíquas dos sujeitos/, o que, efetivamente, constrói e movimenta o *Instagram*.

Nessa ampla esfera de atividade e comunicação digital em rede, várias são as cenas englobantes (MAINGUENEAU, 2008a, 2010, 2015) que podem estimular a concretização de discursos. Estamos tratando, nesse caso específico, de delineamentos e traços gerais voltados à / Rede Social *Instagram*/, que implica a /

Conexão virtual entre sujeitos/. Já a principal cena genérica (MAINGUENEAU, 2008a, 2010, 2015) que se estabelece em tal processo de interação e movimentação discursiva é a /Postagem em rede social/, que, basicamente, exige /Identificação do usuário/ e /Publicação de imagem/. Toda postagem permite que outros usuários manifestem sua /Apreciação/, por meio de curtidas, comentários e mensagens diretas a quem realizou a publicação. O aplicativo possui um /layout fixo/, o que faz com que todas as publicações apresentem a mesma configuração na tela. Em suma, essa é a concretude que compõe a cena genérica de nossa materialidade de análise: a postagem do *Instagram*.

Nessa dinâmica dialógica, um dos principais recursos de que se lança mão para legendar as postagens é a hashtag. Movidos por um interesse particular, direcionamos nossa análise a partir do uso de uma etiqueta específica. A tag "pretoebranco" (#pretoebranco) será base para aplicarmos nosso dispositivo analítico da construção de sentidos da multimodalidade. Voltamos a fazer referência. neste momento, ao tópico semantizador básico /Busca/. No campo destinado à procura de conteúdo no aplicativo, digitando "pretoebranco" e selecionado a aba "tags", são apresentadas ao leitor várias publicações de usuários diversos. Dentre as sugestões da rede, optamos, aleatoriamente, por uma postagem específica. A escolha poder-se-ia dar por qualquer postagem que contivesse na legenda a hashtag que solicitamos, e os princípios de análise seriam os mesmos, afinal, o que desejamos aqui é comprovar que a leitura da multimodalidade discursiva em plataformas digitais acontece levando em consideração alguns critérios, que são aplicáveis a quaisquer corpora da mesma natureza. A Figura 2, a seguir, reproduz a postagem selecionada.

Figura 2 – Postagem do Instagram envolvendo a *hashtag* #pretoebranco⁷



Esse texto multimodal constrói-se a partir da cena genérica prevista para o Instagram e, a partir de sua enunciação por um usuário, projeta sentidos bastante pontuais, inclusive a partir de sua cenografia. Vale relembrarmos, com base em Maingueneau (2008b, p. 70), que cenografia é "[...] a cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado [...]": estamos aludindo ao próprio dizer do usuário da rede. Nessas situações específicas de uso da linguagem, conteúdo, construção composicional e estilo são aspectos característicos que dão forma aos enunciados e permitem a interação (BAKHTIN, 2011); já a multiplicidade semiótica (LEMKE, 2010) corrobora de maneira decisiva para a materialização textual.

Em íntima relação com esfera de comunicação, cena englobante e cena genérica veiculam-se e colocam-se em movimento discursivo determinados aspectos axiológicos construídos com a leitura. Nessa atribuição de valores do discurso por meio do texto em análise, consideramos plausível que o resgate de seus tópicos semantizadores aplicados à leitura da multimodalidade discursiva aconteça em comunhão com a exploração dos recursos de /Engendramento semiótico/ que promovem as intersemioses e revelam interessantes elementos referentes ao mote sobre o qual nos dispusemos a refletir.

Assim, iniciamos a reconstrução exploratória da cenografia da postagem a partir do elemento que direcionou sua seleção. A hashtag #pretoebranco identifica a fotografia publicada justamente com essa característica: o uso do efeito em preto e branco. Sobressai-se disso a ideia de /Reforço/ e /Ênfase/ a tal aspecto. O/Contraste/entre claro e escuro é resultado de uma /Situação real trabalhada artisticamente/, que conta, nesse caso, com o recurso da /Atemporalidade/, uma vez que o coenunciador não tem condições de atribuir à imagem determinada datação, principalmente devido ao efeito aplicado. Certamente, isso não se confunde com as dinâmicas enunciativas. posto que esse dizer, como todos, possui seu momento de enunciação.

Além disso, devido à /Densidade/ dos conceitos de claro e escuro, a fotografia que compõe a postagem manifesta importante noção de /Dramaticidade/, conduzindo o leitor da postagem por reflexões ainda mais aprofundadas. A/Comoção/ despertada junto ao coenunciador não é gratuita: é resultado, sim, das integrações propostas e projetadas no texto, delineando um /Estilo/ bastante peculiar e original, ainda que respeitando as restrições que viabilizam o próprio gênero discursivo. Esse estilo particular é reconhecido pelo próprio enunciador, quando escolhe também etiquetar sua postagem com outra hashtag, #UmOlharAnimal, ou seja, o leitor-coenunciador participa de uma visão diferenciada, em que determinada /Verdade sobre o real/ é veiculada. Ainda em relação a esse estilo, é marcante a escolha do preto e branco em engendramento direto com outro / Dualismo/ de forças opostas, o da luz versus escuridão: são /Antagonismos/ absolutamente válidos no resgate de sentidos. Ora, uma vez que "passam-se os anos e o que fica são as marcas de um tempo vivido, sentido e vencido", conforme enfatiza o texto verbal, o leitor é levado a acreditar que a personagem da foto superou obstáculos da vida em uma /Referência ao passado/ que viveu e sentiu. A/Determinação/ e a /Resiliência/ da mulher retratada permaneceram com o transcorrer da vida e essa valoração projetada representa forte /Juízo ético sobre a realidade/.

Essas projeções de sentido não ilustram uma simples escolha sem consequências em relação ao valor projetado pelo signo. Os sentidos do texto multiplicam-se devido à /Associação entre os planos verbal e imagético/, revelando, nesse caso, um /Mundo sensível/ do enunciador, que utiliza sua postagem revelando um /Papel de manifesto/ diante das /Abstrações/ possíveis a partir da própria fotografia em harmonização com a legenda.

Também no plano do texto, outros elementos interessantes da composição da /Materialidade intersemiótica/ são, por exemplo, a /Intensidade transmitida pelo olhar/ da mulher fotografada, as /Marcas do tempo/ em sua face, uma suposta / Idade avançada/ e sua /Postura corporal/. Esses tópicos semantizadores revelam / Serenidade/, Sabedoria/, /Sobriedade/, /Reverência a experiências vividas/, / Resgate histórico/ somente quando lida, sentida, interpretada a imagem em associação com os enunciados verbais e a partir da moderação da situação comunicativa em si, a interação em uma rede social.

Assim, avalizado por uma instância mais abstrata que reúne experiências e exemplos de vida associados às experiências dos coenunciadores — o fiador —, emana da textualidade um *ethos* discursivo que revela uma situação do real, pondera sobre vivências e as qualifica, aprecia o belo do ser humano: trata-se de um */Ethos* mensurador/.

A cenografia e o *ethos* do discurso (MAINGUENEAU, 2008a, 2010, 2015) em pauta surgem graças ao tema recortado da realidade para que se tornasse possível discursivizar. Se uma história de vida é retratada na postagem como conteúdo, seu aspecto temático volta-se à expectativa de se poder superar obstáculos e avaliar a caminhada como de êxito, em um sentido muito próximo do que chamamos "vencer na vida". E, seguindo o que preconiza Bakhtin (2011), esse conteúdo (temático) somente se transforma em discurso a partir do estilo balizado pela esfera de comunicação e pela composição

do texto, construída a partir de refinados recursos intersemióticos em plataforma virtual de conexão de pessoas.

Fica evidente, a respeito desses recursos intersemióticos e integração de planos de sentido, que

[...] todos estes são vistos como sistemas independentes de criação de significado, e são, no entanto, coordenados de modo a produzir uma mensagem de texto única [...] integrada e diferenciada (KRESS, 2000, p. 183, tradução nossa).

Pontuamos, neste estágio da análise, que o panorama de leitura multimodal esboçado reflete uma dentre várias possibilidades de resgate de sentidos. Entretanto, podemos considerar que as experiências que temos proposto para leitura da multimodalidade discursiva em plataformas virtuais rendem bons resultados, em especial porque garantem uma abordagem mais global da materialidade discursiva.

Sinopticamente, a leitura e a análise descritiva da publicação em rede social que propusemos possuem a esquematização sumarizada no Quadro 1.

Quadro 1 – Tópicos semantizadores aplicados à cena multimodal de postagem da rede social Instagram

Critério de análise	Tópicos semantizadores aplicados à leitura da cena multimodal
Vinculação da ocorrência dis- cursiva ao campo da atividade humana, à esfera de comuni- cação	/Megacomunidade/; /Comunicação digital em rede/; /Diretrizes mais amplas do fazer discursivo/; /Necessidades comunicativas e interacionais da alta modernidade/; /Adesão à linguagem hipermídia/; /Mestiçagem de semioses/; /Variedade/; /Conexão entre os textos/; /Intersemioses/; /Relações ubíquas dos sujeitos/.
Cena englobante	/Rede Social Instagram/; /Conexão virtual entre sujeitos/.
Cena genérica	/Postagem de rede social/; /Identificação do usuário/; /Publicação de imagem/; Fotografias/; /Vídeos/; /Apreciação/, /Layout fixo/.
Cenografia	/Engendramento semiótico/; /Reforço/; /Ênfase/; /Contraste/; /Situação real trabalhada artisticamente/; /Atemporalidade/; /Densidade/; /Dramaticidade/; /Comoção/; /Estilo/; /Verdade sobre o real/; /Dualismo/; /Antagonismos/; /Garra/; /Determinação/; /Resiliência/; /Juízo ético sobre a realidade/; /Mundo sensível/; /Associação entre os planos verbal e imagético/; /Papel de manifesto/; /Abstrações/; /Materialidade intersemiótica/; /Intensidade transmitida pelo olhar/; /Marcas do tempo/; /Idade avançada/; /Postura corporal/; /Serenidade/; Sabedoria/; /Sobriedade/; /Reverência a experiências vividas/; /Resgate histórico/; /Ethos mensurador/.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Dessa maneira, percorrendo um trajeto iniciado com a análise da vinculação da ocorrência discursiva a determinado campo da atividade humana e sua esfera de comunicação, foi possível estabelecer uma cena englobante, uma cena genérica, uma cenografia e um ethos discursivo para o texto multimodal postagem da rede social *Instagram*. A sessão de leitura proposta envolveu o resgate de

sentidos projetados por esse texto a partir de tópicos semantizadores, que auxiliaram na compreensão do surgimento dos próprios enunciados, com seu conteúdo (temático), estilo e construção composicional. O estabelecimento desse panorama é que gera uma efetiva cena de leitura, em que a consciência da participação e do contato com as práticas discursivas permitem a emergência dos tópicos semantizadores, balizamentos da produção de sentidos.

Resta-nos enfatizar que a dinâmica de leitura da multimodalidade discursiva de gêneros virtuais requer a apreensão da globalidade de projeção de sentidos, que não reside apenas na concretude textual intersemiótica, mas na cena que se estabelece para a produção e o encontro com os textos multimodais. A postagem na rede social *Instagram* compõe, não temos dúvida, um texto de gênero discursivo próprio, estimulado e exigido por uma contemporaneidade absolutamente múltipla em incontáveis aspectos. E se isso carrega o ônus da dificuldade de acompanhar sistematicamente suas evoluções, oferecesse também o bônus de, passo a passo, construirmo-nos como leitores libertos, engajados na busca e na redescoberta do mundo, modificadores da realidade.

Considerações finais

No estabelecimento de uma cena de leitura multimodal, sofisticadas associações entre sistemas semióticos de diferentes naturezas favorecem a manifestação de determinados tópicos semantizadores, elementos aglutinadores de sentido, cuja identificação e análise promovem o resgate de sentidos projetados pelos textos de natureza intersemiótica: essa é a questão que norteou de nossa pesquisa. Podemos considerar que as reflexões e análises empreendidas neste estudo contribuíram firmemente no alcance do objetivo de analisar a forma como engendramentos e associações semióticas articulam-se na construção de sentidos, promovendo a leitura multimodal da cena enunciativa de textos de gêneros digitais, em plataformas virtuais.

Uma reflexão quase paradoxal permite-nos inferir que o leitor somente parece construir-se em liberdade se estiver conectado, lançando mão de sofisticadas estratégias de acesso, participação e encontro com o discurso no ciberespaço. E, como a formação desse leitor tem sido levantada com a grande bandeira e o inquietante desafio das práticas pedagógicas e escolares de hoje, não há, efetivamente, como desvinculá-la da aceitação e do uso das tecnologias digitais em sala de aula, o que implica, consequentemente, a criação de técnicas e métodos que en-

volvam os próprios *smartphones* em sala de aula, por exemplo, e não campanhas que simplesmente buscam banir esses recursos do dia a dia dos estudantes-sujeitos, sem considerar — e isso não é exagero! — que essas mesmas tecnologias são importantes geradoras do discurso com o qual os jovens não somente interagem, mas dão importante parcela de contribuição para sua construção, no âmbito da cibercultura.

É justo e válido reconhecer que, independentemente de quais sejam os tópicos semantizadores mapeados pelo leitor em sua interação com o texto multimodal, esses nós de sentido são necessários para que se produzam sentidos e se efetive o encontro do leitor com o próprio texto, em um horizonte de autoconstrução subjetiva diante do mundo. Isso significa também aceitar que os sujeitos leitores põem em movimento um profundo processo que abrange não somente aspectos técnicos e cognitivos, mas principalmente perspectivas da subjetividade, da participação ativa da coletividade, do pertencimento e das dinâmicas de conexão virtual. Dar-se conta da experiência da leitura, em uma perspectiva sócio-histórica de encontro, conexão e interação, significa participar ativamente de processo catártico de autoconstrução, em que o leitor possa ver, na prática discursiva, a si mesmo, o outro, o mundo, pelo prisma da multimodalidade.

Salientamos, nestas considerações finais, alguns pontos discutidos até então com o interesse de mapear as ideias-chave que levam da experiência da leitura – principalmente no ciberespaço – a uma possível matriz de letramento digital com prisma discursivo. O novo leitor, movido pela ânsia da conexão permanente e pelo desejo de presentificação global, vê-se diante de algumas condições para vivenciar a cibercultura, resgatar sentidos projetados e consolidar sua quase que inerente necessidade de pertencimento. Essas exigências levam a três pressupostos.

Em primeiro lugar, ao leitor contemporâneo é imposto um estado de vigilância ininterrupta: ainda que apto a atentar para todos os estímulos recebidos dos universos ciber e físico a um só tempo, caso não desenvolva sua capacidade de atenção incessante, corre o risco de perceber a realidade à margem das novas práticas comunicativas.

Desse leitor também se espera a construção da capacidade de interação com o universo intersemiótico no hipertexto: nesse âmbito, não é suficiente conferir significação aos múltiplos signos e suas associações, reconhecendo-os como potenciais veiculadores de mensagens, mas é necessário semantizá-los com o objetivo de conferir-lhes corpóreo sentido justamente nos contextos aos quais sua atenção deve estar invariavelmente voltada; esse é o segundo pressuposto

das exigências apresentadas ao leitor da era virtual.

E, como resultado dos pressupostos anteriores, surge a terceira implicação que vislumbramos para o leitor que se renova na atualidade: atento e integrado às práticas discursivas intersemióticas, desse sujeito é demandada a consciência do multicentramento: espera-se dele, além da percepção da multiplicidade de culturas, plataformas, fragmentos, signos, linguagens e fontes, a leitura desses elementos em associação harmônica e em interação consigo mesmo, o que, em última instância, significa dar-se conta da realidade da qual faz parte.

Reading as an intersemiotic practice: semantizing topics and the construction of the meaning

Abstract

Discursive genres, which are essentially mixed in digital contemporaneity have followed the challenges proposed when it comes to interaction practices, communication and understanding the meanings: a world of intense multisemiosis requires that subjects develop specific skills, which allow social-gatherings through languages association and network reading. Due to this panorama, the objective of this study is to analyze how semiotic engenderings and associations are articulated in the construction of meanings, promoting the multimodal reading of the enunciative scene of texts from digital genres on virtual platforms. To explore this process, we selected a post from the social network Instagram as a corpus and preceded with its analysis by mapping its "semantizing topics", in other words, elements that are responsible for creating the meaning of the reading and the text itself. This bibliographic and documentary research, with a qualitative approach, points to the perception of the need for systematizing the reading practices on digital platforms, anchored on virtual supports.

Keywords: Digital genres; Virtual platforms; Discursive multimodality; Reading; Meaning.

Notas

- O termo "leitor ubíquo" é uma proposição da pesquisadora Lúcia Santaella (2013) e tem sido amplamente aceito pela comunidade acadêmica; o adjetivo "ubíquo" é oriundo do campo da computação.
- A escolha das barras como recurso gráfico para acolher os Tópicos Semantizadores é opção do pesquisador e tem como objetivo, além do natural destaque, representar a virtualização das noções que figurarem entre elas.
- Embora, como citado, haja a opção de o usuário acessar o Instagram pelo navegador de seu computador, aludiremos, nesta escrita, ao acesso por meio do aplicativo. Nossa opção justifica-se especialmente pelo fato de ser o processador móvel dos smartphones (aparelhos que acolhem os aplicativos) o grande facilitador da construção do leitor contemporâneo, imerso e ubíquo concomitantemente em várias realidades.
- Observe-se que, na Figura 2, a tela de entrada do app foi acessada por meio de nosso próprio smartphone, por isso surge a opção "Continuar como Cris Oldoni", nosso usuário particular. Essa representação é intencional, justamente para demonstrar as automações da web, que reconhece outros aplicativos baixados, ativos e conectados no mesmo aparelho.

- Para isso, criamos um usuário fictício, que descadastramos depois de observar passos e possibilidades oferecidas pelo aplicativo.
- Stories ("histórias", em português) são postagens de fotos e vídeos que não compõem permanentemente o perfil do usuário do Instagram. Essas postagens ficam disponíveis por tempo determinado para visualização dos seguidores (contatos, amigos). Ainda de acordo com o Instagram Empresas (2020), são 400 milhões de postagens diárias nessa modalidade.
- Na captura da tela, omitimos, propositalmente, o nome do usuário da rede social.

Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 261-306.

DIONÍSIO, A. P. Gêneros textuais e multimodalidade. *In*: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZ-KA, B.; BRITO, K. S. (Orgs.). *Gêneros textuais*: reflexões e ensino. São Paulo: Parábola, 2011. p. 137-152.

KRESS, G. Multimodality. *In*: COPE, B.; KALANTZIS, M. *Multiliteracies*: literacy learning and the design of social futures. London: Routledge, 2000. p. 182-202.

INSTAGRAM. Aplicativo para *smartphone*. Disponível para download em: http://www.apple.com.br/ios/app-store/. Acesso em: 06 jan. 2020.

INSTAGRAM. *Instagram Empresas*, 2020. *Site* da *web*. Disponível em: https://business.instagram.com/. Acesso em: 06 jan. 2020.

LEMKE, J. Letramento metamidiático: transformando significados e mídias. Revista Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, v. 49, n. 2, jul./dez. 2010, p. 455-479. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tla/v49n2/09.pdf. Acesso em: 16 nov. 2017.

MAINGUENEAU, D. *Ethos*, cenografia e incorporação. *In*: AMOSSY, R. *Imagens de si no discurso*: a construção do *ethos*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 69-92.

MAINGUENEAU, D. Problemas de *ethos. In*: MAINGUENEAU, D. *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 55-73.

MAINGUENEAU, D. Uma prática intersemiótica. *In*: MAINGUENEAU, D. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 137-158.

MAINGUENEAU, D. Situação de enunciação: situação de enunciação e cena de enunciação em análise do discurso. *In*: MAINGUENEAU, D. *Doze conceitos em análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 199-207.

MAINGUENEAU, D. Gênero de discurso e cena de enunciação. *In*: MAINGUENEAU, D. *Discurso e análise do discurso*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 117-130.

OLDONI, C. Textos e imagens em cena: o sentido nos gêneros multimodais. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2015.

OLDONI, C. *Práticas discursivas intersemióticas*: dos tópicos semantizadores à construção de sentidos em textos multimodais de gêneros digitais. 2020. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2020.

OLDONI, C.; FREITAS, E. C. de. Textos e imagens em cena: o sentido nos gêneros multimodais. *Todas as Letras* – Revista de Língua e Literatura, Universidade Mackenzie (SP), v. 17, n. 3, p. 182-195, 2015. Disponível em: http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/7846/5620. Acesso em: 18 out. 2017.

OLDONI, C.; FREITAS, E. C. de. Textos e imagens em cena: gêneros multimodais, letramento e construção do sentido. In: Weglarz, B.H.; WISNIEWSKA, J; JABLONKA, E. (Orgs.). *Língua portuguesa*: Unidade na diversidade. Lublin: Universidadade Marie Curie-Sklodowska, 2016. p 70-92.

OLDONI, C.; FREITAS, E. C. de. Da multiplicidade, do multiletramento à construção do sentido: gêneros multimodais e práticas discursivas. *Prâksis* (FEEVALE), v. 2, 2017. p. 16-28. Disponível em: https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/view/1251. Acesso em: 20 jul. 2018.

OLDONI, C.; FREITAS, E. C. de. Em preto e branco: saudade e nostalgia nos gêneros multimodais. *Revista Diálogos* (RevDia), "Edição comemorativa pelo Qualis B2", v. 6, n. 2, mai.-ago., 2018. Disponível em: http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/6604/pdf. Acesso em: 10 out. 2018.

PENNAC, D. Como um romance. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PETIT, M. Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.

ROJO, R.; BARBOSA, J. P. Gêneros discursivos, multiletramentos e hipermodernidade. In: ROJO, R.; BARBOSA, J. P. Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 115-146.

SANTAELLA, L. Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTAELLA, L. O leitor ubíquo. *In*: SANTAELLA, L. *Comunicação ubíqua*. São Paulo: Paulus, 2013. p. 265-283.